

Entrevista

Binho: "O homem poderia viver só da arte".

Egôlatra mas estreitamente sintonizado com o Planeta e seu povo, Binho (Rubens Vaz Cavalcante) é artista nestas plagas brasílicas, que se ressentem da falta de incentivo à criação artística. Músico, compositor e poeta, autor de "Poukas, roukas e loukas" e co-autor de "Remo a duas mãos" (com Basiinho), ele está lançando antes de findar o ano "Na ponta da língua", em que envereda pela Literatura Infanto-Juvenil.

Destacamos aqui os principais trechos da entrevista concedida neste final de outubro.

Re-UNIR: Qual a proposta de trabalho deste seu novo livro, "Na ponta da língua"?

Binho: A proposta é retomar essa perspectiva infanto-juvenil. Uso a memória do meu corpo, que consegui traduzir em palavras, do que estava guardado dentro de mim, a memória do que meu corpo tinha da época, a memória de várias situações: uma menina, um menino, bichos vivendo situações...

Re-UNIR: Pelo que se vê no livro essa memória é muito ligada também à escola.

Binho: Ela é, sim, não no sentido da questão didática, mas no sentido da experiência que eu tive no meio da escola, porque eu acho que foi o contato mais interessante que eu tive. E quando a gente é menino, que entra na escola, se abre um universo não pelo fato de ser "a" escola, mas pelo fato de ter uma porrada de outros meninos ao redor, pra trocar experiências. E o menino é o seguinte: o moleque conhece o ouro pelo rastro, sabe?, o rastro de luz que o outro deixa. Então essas identificações é que ficam marcadas. Não a escola, que só propicia o encontro. Minha proposta está mais voltada para questão da fala, da linguagem que se usava na época e ainda se usa hoje. Também faz parte da proposta questionar o lance do mercúrio nos rios... aquele poema lá eu acho muito doido: "O mercúrio mergulhou/ fundo no rio/ e envenenou os peixes/ Quem alimentará os meninos ribeirinhos?" Além de outras questões: a liberdade da criança poder escolher suas coisas, seus livros, seus sonhos...

Re-UNIR: E seu trabalho como professor de música, como vai?

Binho: Eu ensino um instrumento que eu gosto, que eu toco, e é meu produto também, porque minhas composições são feitas no violão. Eu estou lecionando numa escola que se propõe ensinar o violão no contexto clássico, mas eu não me prendo a isso, eu vou pesquisando, vou vendo outras coisas, mais contemporâneas, mais regionais, vou tocando composições do bar, vou tocando composições do Bado...

Re-UNIR: E o lado econômico desse seu conjunto de trabalhos como artista, às vezes tocando na noite, como é?

Binho: Eu tenho uma antena que capta várias imagens neste contexto cultural. Às vezes eu me sinto um músico, às vezes o compositor, ou o poeta... ou consigo ser o cara que tem uma vida como todo mundo e às vezes eu consigo reunir todos eles numa festa

só. O homem poderia viver só da arte. Seria talvez bem mais interessante, mas a gente não conseguiu desenvolver essa tendência que seria mais prazerosa. A gente já tem uma visão do artista como o cara que é meio vagabundo, o cara vai ser artista pra não trabalhar. A gente vive num mundo que o cara quer um ponto pra ele assinar; se não tiver ele morre. Viver da arte é muito difícil. A gente precisa ter outra fonte de renda "mesmo", dar aula; de vez em quando ir pra noite tocar; sair com o livro debaixo do braço pra vender... Ou você é um grande escritor, em quem a editora investe muito, ou então você é escritor e compositor meio mambembe. Você mesmo é sua mídia. E o retorno é muito lento.

Re-UNIR: Mas como é mambembe, se você sai pra publicar lá em Minas Gerais? Não é mais dispendioso?

Binho: Isso já é resultado de um trabalho que eu venho fazendo. Esse trabalho caiu nas mãos de alguém que achou que tinha a ver investir, entrou em contato, aceitou essa proposta que eu tinha, já, que é esse livro aí, que era pra concorrer a um festival - de Minas! - e eu vou buscar onde tiver, qualquer lugar. Chego e digo: "Olha, tá aqui o que eu sei fazer." Aliás, o nome do livro era "Aldeia das Letras". Depois escolhi "Poesias sapeca". Depois foi descoberto que na década de 30 já havia sido publicado um livro com o mesmo título de "Poesia sapeca". Aí você não poderia utilizar o mesmo título. Então chegou "Na ponta da língua", que, na verdade, eu acho que também foi um amadurecimento no nome do livro porque achei bem interessante: o nome tem a cara do livro. Agora Minas é um lance, é um lugar que está me dando uma força, estou sentindo uma energia boa.

Re-UNIR: Isso não vai fazer você mudar pra Minas?

Binho: Não! Não há necessidade, cara! A questão é meio gráfica. Lá é impresso, mas a viagem é feita aqui.

Re-UNIR: E como você define sua poesia, de modo geral, inclusive sua produção que ainda está na prancheta?

Binho: Olha, o grande lance da poesia é que ela se deixa experimentar em todas as suas formas. Por isso, definir a minha poesia, sob esse ou aquele aspecto, se torna difícil, dado ao seu movimento constante. Mas, antes de tudo, eu a considero uma poesia compromissada com o meu tempo. Os meus lados regional e universal não são assim tão distintos - às vezes eles se confundem. Afinal um poema cai sempre bem, na beira do Madeira ou na África do Sul.

Re-UNIR: Quais são seus gurus musicais e poéticos?

Binho: A música que estou escutando mais, no momento, é a música instrumental. Aí entra Miles Davis, Toninho Horta, Egberto Gismonti, Vitor Biglioni, Chick Corea, Ricardo Silveira e uma porrada de outras feras do mundo inteiro. Agora, na poesia, o Mário Quintana, o Paulo Leminski, o Drummond e o José Paulo Paes são os poetas que mais me inspiram confiança. Não sei se devo chamá-los de gurus, mas não hesitaria em chamá-los de mestres.

Re-UNIR: A poesia e a música de Rondônia tem que importância e que vínculos com o cenário nacional?

Binho: Na medida que a nossa música e a nossa poesia forem se tornando conhecidas pela nossa gente e começarem a se espalhar pelo País com qualidade e singularidade, pode vir a acontecer o fenômeno do reconhecimento da nossa contribuição cultural não só pro País, mas pro Planeta. A importância e o vínculo com o cenário nacional vai ser o resultado do que produzirmos com a nossa arte. Portanto, é interessante fazermos as coisas com capricho e honestidade para que, afinal, o reconhecimento venha nos fazer viver a vez do Norte. A nossa vez. A voz nossa.

Re-UNIR: Você cursou Letras e abandonou. Por quê? Qual sua lembrança e sua visão da UNIR ou da Universidade como produtora ou difusora de Cultura?

Binho: Na verdade não foi bem assim: "cursou Letras e abandonou". Eu fiz um curso de Licenciatura Curta, pela UFPA, no Núcleo de Ensino que havia em Porto Velho. Com o surgimento da UNIR, esse Núcleo foi desativado e, caso quisesse fazer a Plena, eu teria que ir para Belém ou para a UNIR. Preferi parar por ali mesmo. Estava muito envolvido com o lance de cantar e compor. A Universidade poderia ter sido o ambiente ideal para desenvolver o trabalho que a gente já vinha fazendo, mas não foi. Como elemento fomentador das manifestações culturais do homem, as universidades que temos têm se mostrado bastante acanhadas nessa área. O pouco ou quase nada que fazem e/ou produzem é muito desestruturado. Não há uma preocupação com o produto final. Por essas e muitas outras coisas desinteressantes que rolam no meio dito acadêmico é que fui à luta numa outra estratégia: resolvi assumir a música. Comecei a estudar mais o meu instrumento, a teoria musical, e continuei a escrever poemas. De lá pra cá tenho aprendido muito. Quanto à minha opinião da UNIR, acho que falta uma interação menos oficial e mais humana com a comunidade.

Re-UNIR: Mas a UNIR possui representantes da comunidade em seu Conselho Universitário. Nela rolariam projetos também da comunidade. Você não vê essa possibilidade de trabalhar através da Universidade?

Binho: Esse tipo de informação aí a comunidade nem tem. Então nunca vai ter livro da comunidade lá se esse tipo de informação não chega na gente. Quem é que está sabendo? Só sabe quem trabalha lá dentro. Se as pessoas que estão trabalhando lá dentro não saem pra comentar isso fora, estão incorrendo no mesmo erro da Universidade.

Re-UNIR: Quer dizer: a UNIR não passa a informação?

Binho: É. Não passa. Quem está sabendo disso? Sai numa de Ibope aí com os artistas da cidade, perguntando: "Você sabe que existe isso e isso na Universidade?" O Ibope pode chegar a zero, porque ninguém está sabendo...

(Júlio Rocha)